

Teoria do Gatekeeper

Bibliografia

PENA, Felipe. Teoria do Jornalismo. São Paulo: Contexto, 2005.
p. 133-135

SOUZA, Jorge Pedro. Teorias da Notícia e do Jornalismo. Chapecó: Argos, 2002. p. 39-45

GATEKEEPER – exemplo clássico de teoria que privilegia a ação pessoal.

“Por essa teoria, só viram notícia aqueles acontecimentos que passam por um portão (gate). E quem decide isso é uma espécie de porteiro ou selecionador (o gatekeeper), que é o próprio jornalista” (PENA: 2005)

O jornalista (gatekeeper) seria o responsável por dar continuidade ao tratamento do fato, transformando-o em notícia ou por retê-lo numa escolha pessoal, subjetiva e arbitrária. “Isso serve, isso não serve”.

A teoria perdeu a força para os estudos da construção social da realidade.

Teoria do Gatekeeper

PRINCIPAL TEÓRICO – David Manning White. 1950

White estudou o fluxo de notícias dentro das empresas jornalísticas para identificar os pontos em que estavam as cancelas. Ele aplicou o conceito de filtro desenvolvido pelo psicólogo Kurt Lewin em 1947.

O estudo de caso foi com um jornalista com 25 anos de experiência, numa cidade de 100 mil habitantes. Esse jornalista determinada que notícias seriam selecionadas entre as centenas de despachos das agências que chegam à redação.

White batizou seu pesquisado de Mr. Gates e anotou os motivos que o levaram a rejeitar ou não as notícias. De cada 10 despachos, 9 foram rejeitados. A maioria das explicações para a recusa eram falta de espaço.

A conclusão foi que as decisões de Mr. Gates foram subjetivas e arbitrárias, dependentes de juízos de valor, baseados no conjunto de experiências, atitudes e expectativas do gatekeeper.

Teoria do Gatekeeper

Teve o mérito de identificar os pontos que os filtros de seleção das notícias são aplicados.

“Os estudos posteriores chegaram à conclusão que as decisões do gatekeeper estavam mais influenciadas por critérios profissionais ligados às rotinas de produção da notícia e à eficiência e velocidade (newsmaking) do que por uma avaliação individual de noticiabilidade” (PENA: 2005)

Para Jorge Pedro Souza (2002), as notícias têm sempre a marca da ação pessoal de quem as produz, embora temperada por outras forças conformadoras. Ou seja, as notícias são fruto da interação entre a ação pessoal e as demais ações (social, organizacional, ideológica, do meio físico-tecnológico e histórica).

Entre as ações pessoais, J.P. Souza destaca: auto-imagem dos jornalistas (o quanto ele se define “imparcial”, “neutro” ou “participante”). Os neutros se consideram meros canais de informação, que recolhem, processam e difundem a informação. Os participantes seriam “cães de guarda”, investigadores que devem descobrir e desenvolver histórias.

Teoria Organizacional

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.
p. 135-138

SOUZA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002. p. 45-99

Pela teoria organizacional, o trabalho jornalístico é dependente dos meios utilizados pela organização. O fator econômico é o mais influente, pois o jornalismo é um negócio que busca o lucro. Portanto, a organização está voltada para o obter mais receitas que despesas.

Equação do lucro de uma empresa jornalística

maior índice de audiência = maior verba publicitária = lucro \$

Em uma indústria jornalística, o departamento mais importante é o comercial, que reserva espaço para a publicidade, antes do espaço das notícias.

Páginas do
caderno
especial de
OESP
dia 12/09/2001

Mais uma
vez, a Intelig
muda
a história
do DDI no
Brasil.

Qualquer
país do
mundo por
menos
de 1 real.



Estados Unidos/Canadá	R\$0,64
Europa/Mercosul/Japão	R\$0,89
Demais países	R\$0,99













































































Bush diz que guerra contra terror vai durar vários anos



Bin Laden nega participação nos atentados

FAX

التشيخ الإمامة بن لادن
جميع الأمور وهو لا يقاتل بالقوة

التشيخ الإمامة بن لادن

1422 / 6 / 28

Nós cuidamos bem de tudo que você quer bem.

Consulte um Corretor de Seguros ou ligue 0800 701 84 84 - www.bradescoseguros.com.br



Bradesco Seguros

Bush mandou derrubar aviões, revela

Páginas do caderno especial de OESP dia 12/09/2001

Teoria Organizacional

Estudos de WARREN BREED (apud Mauro Wolf)

Teoria dos constrangimentos organizacionais

Para Breed, o contexto profissional-organizativo-burocrático exerce influência decisiva nas escolhas do jornalista. A fonte de orientação do jornalista não seria o público (como diz o senso comum da profissão), mas o grupo de referência formado por colegas e superiores.

O jornalista é socializado na política editorial da organização por meio de uma lógica de recompensa e punições. Ele se conforma com as normas editoriais, que passam a ser mais importantes do que as crenças individuais.

Teoria Organizacional

Fatores que levam ao constrangimento organizacional

- ***Autoridade institucional e as sanções:*** chefes têm poder para decidir quem fará as reportagens e autoridade para reescrever o texto.
- ***Sentimentos de dever e estima com os chefes:*** laços de amizade, respeito e admiração unem os profissionais e seus superiores e se transformam em sentimentos de obrigação com a empresa
- ***Aspirações de mobilidade profissional:*** os jornalistas querem se destacar na carreira e tem enfrentar dificuldades se lutarem contra a política editorial da organização.
- ***Ausência de luta de classes dentro da redação:*** nas redações a presença do sindicato é constrangida, prevalece um senso comum e não há fortes confrontos de classe.
- ***Caráter prazeroso da atividade e o valor das notícias:*** o jornalista acredita que seu trabalho é agradável em relação aos “burocráticos”, testemunham fatos importantes e investem tempo na busca de notícias, ao invés de contestar a política editorial da empresa.

Teoria Organizacional

Pierre Bourdieu acrescenta à análise a pauta consensual, o que Ciro Marcondes Filho chama de autorreferencialidade.

Os jornais pautam-se uns nos outros, num processo definido por Bourdieu como mecanismo de circulação circular de notícias. O que é manchete em um veículo, vira pauta para os demais.

Para Felipe Pena, os jornalistas vivem numa comunidade jornalística. “A troca de experiências, o companheirismo, as dicas, as gírias próprias, o vocabulário específico e o ambiente de tribo são decisivos nas escolhas feitas pelos jornalistas e influenciam diretamente no noticiário”.

Teorias da Ação Política ou Ideológica

Bibliografia

KUNCZIK, Michael. Conceitos de Jornalismo: norte e sul. São Paulo: Edusp, 2002.

SOUZA, Jorge Pedro. Teorias da Notícia e do Jornalismo. Chapecó: Argos, 2002.

As teorias da ação política pressupõem que as notícias são como são porque interesses políticos e ideológicos assim as determinam.

Esta teoria trata das forças ideológicas que influenciam os meios jornalísticos e não, necessariamente, da influência ideológica dos meios de comunicação na sociedade

“Numa visão político-econômica, a PROPRIEDADE poderia ser o fator principal na promoção de um controle ideológico da classe dominante sobre as organizações mediáticas. Se a propriedade dos media está nas mãos do Estado, eles poderão refletir a ideologia do poder estatal” (SOUZA: 2002)

Ação Ideológica e hegemonia

GRAMSCI e os estudos culturais

Para Gramsci, a hegemonia é a forma como a ordem vigente mantém o seu domínio. Consegue-se hegemonia quando se fabrica o consentimento, em massa, à ordem estabelecida. O controle social é mantido por meio do consenso, no debate público.

Os Meios de Comunicação têm função hegemônica por produzirem uma ideologia que, integrando valores e normas do senso comum, serve para REPRODUZIR e LEGITIMAR a estrutura e ordem sociais.

Essa ordem é transmitida de forma natural, não coerciva.

“Ao aceitarem as interpretações oficiais dos acontecimentos, ao centrarem-se nas fontes de poder que se concentram nos círculos das elites dominantes e ao marginalizarem ou secundarizarem, deslegitimizando, as vozes alternativas ou as dos cidadãos sem grande poder, os meios de comunicação serviriam uma hegemonia que não necessitaria de recorrer à coerção. As notícias teriam as marcas dessa hegemonia” (SOUZA: 2002-76)

ESTUDOS DE CASO: teoria organizacional e ação ideológica



Revista Veja – Diogo Schelp e Eduardo Oinegue: coberturas do MST e da América Latina



Rede Globo: ligação com os militares e interferência na vida política do país



Cobertura sobre o dossiê Vedoin

Reportagem da Carta Capital sobre o vazamento das fotos para imprensa. O delegado, ao vazar o CD, criou uma história que foi “comprada” pelos meios de comunicação

- Por que a mídia repercute mais a Veja e menos a Carta Capital?

- O que levou veículos como *Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo*, do jornal *O Globo* e a rádio *Jovem Pan* a veicularem notícias distorcidas

“Os jornalistas envolvidos rejeitam categoricamente essas afirmações e garantem estar exercendo o seu trabalho de modo autônomo e independente. Talvez alguns até acreditem nisso, o que reforça a reflexão de Halimi sobre a nova forma de censura, onde os interesses do patrão e de seus empregados coincidem”. - Marco Aurélio Weissheimer - Carta Maior